

## NARRATIVAS DAS MULHERES DO JUDÔ VETERANO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO<sup>1</sup>

Gabriela C. de Souza,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ)

Renato Novaes,

CIAA/Marinha do Brasil

Silvio Telles,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

### RESUMO

*Este texto analisa as narrativas das mulheres que lutam judô na categoria veteranos no Estado do Rio de Janeiro. Foram entrevistadas cinco mulheres da classe veteranos acerca da adesão e permanência; transição de sênior para veteranos; e resistências e enfrentamentos. Concluímos que suas permanências estavam atreladas a desconstrução de preconceitos de gênero.*

*PALAVRAS-CHAVE: Artes Marciais; Veteranos; Máster; Judô feminino*

### INTRODUÇÃO

Jigoro Kano criou o judô em 1882, no Japão, e tinha como principal objetivo desenvolver uma luta em que todos pudessem praticar, independentemente da idade e, principalmente, buscando o desenvolvimento físico e mental em prol de um estilo de vida mais saudável, harmonioso, integrado com o meio ambiente e promovendo a sociabilização (KANO, 2008).

A iniciação a prática do judô se dá desde a infância, porém, de acordo com a Federação de Judô do Rio de Janeiro (FJERJ, 2019) as competições para o alto rendimento devem ocorrer apenas após os 13 anos de idade. Aos 21 anos os atletas passam a pertencer a classe Sênior, sendo essa a única categoria em Jogos Olímpicos, sem limite máximo de idade. Entretanto, a média de idade dos lutadores de judô na classe sênior no alto rendimento está

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

entre 20 e 28 anos de idade, tanto no feminino, quanto no masculino (FRANCHINI e DEL VECCHIO, 2010).

A fim de incluir pessoas com idade acima dos 30 anos em competições, acredita-se que no início dos anos 1980, foi criada a classe veteranos ou máster, permitida apenas para maiores de 30 anos. Algumas das razões para a migração para esta classes está nas atividades pessoais e profissionais da fase adulta, além do aumento das chances de lesão (SCHNEIDER, 2012).

A classe de veteranos no judô brasileiro é separada, além de feminino e masculino, em subclasses de 1 a 11, de maneira que 1 corresponde a atletas de 30 a 34 anos; a 2 de 35 a 39 anos; e assim por diante de 5 em 5 anos. As categorias de peso são as mesmas da classe sênior, porém o tempo de luta é de 3 min (FJERJ, 2020).

A participação feminina no judô brasileiro passa por uma lei que as impedia de praticarem esportes como o judô por serem considerados “incompatíveis com a sua natureza”. Porém, em Souza e Mourão (2011), havia a prática regular do judô por diversas mulheres já na década de 1950 e 1960 e as restrições de natureza legal, assim como os preconceitos de gênero, não as impediam de praticar e difundir o judô entre as mulheres.

Embora este estudo se identifique como um estudo de gênero no âmbito da prática esportiva (GOELLNER, 2004), o objetivo é analisar as narrativas das mulheres que lutam judô na categoria veteranos no Estado do Rio de Janeiro, tendo em vista que a participação das mulheres neste esporte é relativamente recente, se considerarmos que foi oficializada nos anos 1980 (SOUZA et al, 2015).

## MÉTODO

Os caminhos metodológicos adotados para esta pesquisa qualitativa foram ancorados na História Oral (FREITAS, 2002).

O roteiro de entrevista utilizado foi adaptado de Souza (2008) e Brum (2016) por serem estudos pioneiros na participação das mulheres no judô em território brasileiro.

Para a análise dos dados coletados foi utilizada a análise do conteúdo (BARDIN, 2011). Categorizamos em temáticas previamente definidas: adesão e permanência; transição de sênior para veteranos; resistências e enfrentamentos na classe veteranos.

Depois de aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Rio de Janeiro com o parecer 3.569.921, entrevistamos cinco (5) mulheres que participam de competições de judô no Estado do Rio de Janeiro na classe veteranos. Elas serão identificadas como: V (veterana)1, V2, V3, V4 e V5.

Das entrevistadas, V1 tem 59 anos de idade, está no 3º grau (*dan*) da faixa preta e é professora de Letras; V2 tem 47 anos, está no 2º grau (*dan*) e é funcionária pública municipal do Rio de Janeiro; V3 e V4 têm 36 anos de idade e ambas estão no 3º grau (*dan*) da faixa preta, sendo V3 professora de Educação Física e V4 professora de Educação Física e Fisioterapeuta; e, por fim, V5 tem 32 anos, e está no 2º grau (*dan*) da faixa preta, professora de Educação Física.

#### AS NARRATIVAS DAS ATLETAS VETERANAS DE JUDÔ

Percebemos nas narrativas que o judô feminino na classe veteranos é um pequeno grupo de sujeitos, tento em vista que suas particularidades representam um microcosmo social como descrito por Mills (1970) Neste sentido, estas mulheres, por terem constituído uma trajetória anterior ao judô veterano possui um amadurecimento que lhes permite lidar com pressões sociais e de cada indivíduo.

#### ADESÃO E PERMANÊNCIA

Todas as informantes começaram a praticar o judô nos anos de 1990. A entrevistada V2, com 47 anos, aderiu a mais tempo, em 1990. A mais recente a ingressar foi V4, com 36 anos, aderiu em 1997.

A entrevistada V1, com 59 anos, aderiu apenas após a morte do pai, já com 38 anos de idade, mesmo contrariando a vontade do restante da família. Já, V5, aos 7 anos de idade conseguiu praticar o judô, mesmo que com a restrições impostas por sua mãe.

As outras veteranas aderiram com 12, 16 e 10 anos e os motivos variam: de falta de opção de esportes na Vila Olímpica, (V3); amor às artes marciais em geral (V2); e necessidade de defesa pessoal para combater o *bullying* que sofria na escola (V4), respectivamente.

Na narrativa de V2, foi possível perceber que o apoio da família para a adesão e permanência ao judô apareceu após sua transição para a classe de veteranos como explica:

“Só que isso [apoio] eu não tinha quando eu era sênior, eu não tinha esse apoio deles, quando eu era sênior, [...]”.

De acordo com Souza e Mourão (2011) e Brum (2016), os motivos de adesão das mulheres ao judô estavam relacionados ao gosto pelas práticas das lutas.

No caso de V3, o casamento e as obrigações acadêmicas a levaram a se afastar temporariamente do judô. Apenas regressou quando se separou e seu professor de judô a chamou de volta aos treinos. Esse fenômeno é encontrado em estudos que analisam os motivos de abandono dos esportes em fase jovem de homens e mulheres: em primeiro lugar “os estudos”, seguido de “tempo para namoro” (BARA et al, 2008).

No caso de V4, mantém um casamento com um judoca, com quem teve uma filha e nunca precisou se afastar do judô. Enquanto as outras 3 não pareceram ter sido influenciadas pelos relacionamentos.

#### TRANSIÇÃO DO SÊNIOR PARA OS VETERANOS

Verificou-se que V2, V4 e V5 ainda participaram simultaneamente da classe sênior e veteranos na mesma competição. De acordo com os depoimentos, foi preciso um tempo para reconhecer que o corpo já não estava mais condizente com o condicionamento físico das mulheres da classe sênior.

Assim, de acordo com V2: “o sênior para mim já estava ficando muito forte, eu cheguei a lutar com a Rafaela, tá entendendo?”. No caso de V2, a preocupação em manter a integridade física para não comprometer o trabalho que era sua primeira fonte de renda se tornou um fator determinante para a decisão de não competir mais na classe sênior.

De acordo com o regulamento da FJERJ (2020), Seção I – Competições, existem dois tipos de competições, o 1º em formato de alto rendimento, e o 2º tipo se caracteriza por lazer ou ganho de experiência. Porém, no Art. 3º, acerca do 2º tipo de competição não existe a classe feminina para faixas pretas no sênior. Isso quer dizer que as mulheres que já não aguentam mais o nível sênior no alto rendimento, são obrigadas a permanecer nessa competição se quiserem continuar até que tenham idade para a classe de veteranos.



## RESISTÊNCIAS E ENFRENTAMENTOS NA CLASSE VETERANOS

Tendo em vista que a classe de veteranos recebe atletas, em sua maior parte, que já praticam judô em nível competitivo há anos, as resistências em permanecer se resumem a apoio financeiro para continuar participando de competições como apontado por V1, V2 e V5.

Para Schneider (2012), que estudou os judocas veteranos do Rio Grande do Sul, também foi possível perceber que os custos em competições eram elevados e financiados pelos próprios atletas, embora isso limitasse a participação de muitos judocas.

Além da falta de apoios financeiros das instituições, agremiações, federação e confederação, os custos tornam ainda mais oneroso o custo da participação em competições nesta classe. Nesse sentido, o judô se torna um esporte não tão acessível financeiramente, corroborando a fala de V5 e os estudos de Schneider (2012), mas que não as impede de participar das competições.

Dentre as resistências enfrentadas pelas mulheres está associado à participação majoritária de homens que acabam por tomar as decisões nos encaminhamentos do judô feminino, assim como apontado nos estudos de Souza et al (2015) e Brum (2016). De acordo com V3, em 2020 as mulheres decidiram criar um espaço destinado às necessidades do judô feminino do Rio de Janeiro, criando um departamento de judô feminino para veteranos.

Como gestora na associação de veteranos do Rio de Janeiro no departamento feminino, V3 enfrenta os mesmos problemas apontados por mulheres na gestão do esporte apresentados por Gomes (2008) e Souza et al (2015) quando os homens criam barreiras em aceitar mulheres em cargos de decisão e questionam a todo instante suas decisões e sugestões.

## CONCLUSÃO

Ao analisar as narrativas das judocas veteranas do Rio de Janeiro, foi possível perceber que elas sintetizam as representações das identidades presentes no judô feminino nesse Estado. Embora elas tenham aderido ao judô em um período já legitimado desse esporte no Brasil, suas permanências estavam atreladas ao combate a preconceitos de gênero que foram desconstruídos ao longo de suas conquistas nas competições. Além disso, o apoio da família também foi preponderante para que elas pudessem aderir e permanecer na prática, tanto no início quanto na classe veteranos.

A existência da classe veteranos de judô para as mulheres mostra que a idade não é um fator limitante para a adesão delas a esta prática e em nível competitivo, assim como possibilita o retorno das atletas que são forçadas a abandonar o judô para preservar sua integridade física.

Verificou-se, também, que os professores de judô têm um papel fundamental no resgate das mulheres que acabam se afastando do judô pelos mais variados motivos.

## **NARRATIVES OF VETERAN JUDO WOMEN IN THE STATE OF RIO DE JANEIRO**

### **ABSTRACT**

*This text analyzes the narratives of women who fight judo in the veterans category in the State of Rio de Janeiro. Five veteran class women were interviewed about adherence and permanence; transition from senior to veterans; and resistances and confrontations. We concluded that their stays were linked to a deconstruction of gender prejudices.*

**KEYWORDS:** *Martial arts; Veterans; Master; Women's Judo*

## **NARRATIVAS DE MUJERES VETERANAS JUDO EN EL ESTADO DE RIO DE JANEIRO**

### **RESUMEN**

*Este texto analiza las narrativas de las mujeres que luchan contra el judo en la categoría de veteranas en el Estado de Río de Janeiro. Se entrevistó a cinco mujeres de la clase veterana sobre adherencia y permanencia; transición de personas mayores a veteranos; y resistencias y enfrentamientos. Concluimos que sus estancias estuvieron ligadas a una deconstrucción de los prejuicios de género.*

**PALABRAS-CLAVES:** *Artes marciales; Veteranos; Maestría; Judo femenino*

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2011

BRUM, A. **“Mulheres que lutam”**: as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2016.

BARA, M.; GUILLÉN, F. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 293-300, out./dez., 2008.

FEDERAÇÃO DE JUDÔ DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FJERJ). **Regulamento 2020**. Disponível em: <https://judorio.org/wp-content/uploads/2020/02/REGULAMENTO-FJERJ-2020-atualizado-11-02-20.pdf> Acesso em 02 de fev de 2021

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. Aspectos motores e ensino/aprendizagem do judô. In: FRANCHINI, E. et. al. **Judô: desempenho competitivo**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2010.  
FREITAS, S. M. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In:

GOMES, E. **Participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro**: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Quartet/ FAPERJ, 2008.

KANO, J. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MILLS, T. M. **Sociologia dos pequenos grupos**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.

SCHNEIDER, W. A. **Memórias do judô master do Rio Grande do Sul** (século XXI). Trabalho de Final de Curso. Porto Alegre - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Curso de Educação Física da Escola de Educação Física, 2012.

SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres do tatame**: o judô feminino no Brasil. Rio de Janeiro: MAUAD X/ FAPERJ, 2011.

SOUZA, G. C.; VOTRE, S. J.; PINHEIRO, M. C.; DEVIDE, F. P. Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. **Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, p. 409-429, 2015.